

Zípora Salva Moisés

Anotações sobre um Texto Estranho

Nelson Kilpp

Há certos textos bíblicos que são obscuros. Por mais que se pesquise, eles aparentemente não conseguem ser clareados de todo, teimando em ficar devendo respostas satisfatórias. Um destes textos é, sem dúvida, Êx 4.24-27. Este trecho de apenas três versículos já deu margem a muitas opiniões divergentes. Não quero arrolá-las todas aqui. Nem tenho a pretensão de tentar responder todas as questões abertas. Apenas tentarei mostrar algumas pistas que podem ser importantes para a elucidação das origens da fé em Javé.

1. O Texto e Suas Interpretações

O texto de Êx 4.24-26 diz (mais ou menos literalmente) o seguinte:

- (24) E aconteceu que, durante a viagem, no lugar de pernoite, Javé veio ao seu encontro, procurando matá-lo.
- (25) Então Zípora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho (= dela) e tocou (com o prepúcio) os seus pés (órgão sexual?), dizendo: “Tu és esposo de sangue para mim.”
- (26) Então ele o deixou. Naquela época ela disse “esposo de sangue” a respeito da circuncisão.

Muitas perguntas vêm à mente. São perguntas de três tipos:

- a) perguntas sobre o significado da perícope dentro do atual contexto narrativo, como p. ex.: como Javé pode querer matar Moisés, que recém foi vocacionado pelo próprio Javé para liderar o povo para fora do Egito? Que foi que Moisés fez para merecer este castigo?
- b) perguntas sobre o significado do próprio acontecimento narrado, ou seja, da tradição isolada, tais como: por que Javé ataca para matar? Que é que Zípora faz e o que isto significa? Que é que a circuncisão tem a ver com o que Zípora diz? Que significa “esposo de sangue”? Por que, afinal, Javé desiste de sua ameaça?

c) perguntas sobre a correta compreensão (gramatical) do que está no próprio texto. Trata-se basicamente da questão: a quem se referem todos os pronomes (pessoais e possessivos) que aparecem no texto?

Começo por esta última questão por ser a menos difícil. Estou consciente, no entanto, de que os três tipos de perguntas estão intimamente ligados. No tratamento do tema nem sempre podemos separá-los. No início da história Javé encontra alguém do sexo masculino e tenta matá-lo. Entram em cogitação Moisés e o filho. Este é introduzido explicitamente no versículo seguinte. Esta introdução no v. 25 seria desnecessária se o filho de Zípora já estivesse em cena no versículo anterior. A pessoa atacada deve, portanto, ser Moisés. Moisés, é verdade, não aparece em nenhuma parte do texto, mas é pressuposto pelo contexto. Quase todas as traduções para o português incluem, portanto, Moisés no v. 24.

No v. 25 está claro que o sufixo/pronome possessivo feminino na expressão “seu filho” se refere a Zípora. O filho é dela. Falta identificar o sufixo/pronome possessivo masculino na expressão “seus pés” e o pronome pessoal “tu” na fala de Zípora. Após circuncidar seu filho, Zípora toca, sem dúvida com o prepúcio cortado, os pés (talvez eufemismo para órgão sexual) de um ser masculino, para o qual também diz: “Tu és esposo de sangue para mim.” Gesto e fala devem dirigir-se à mesma pessoa. Das três opções existentes — Moisés, Javé e o filho de Zípora — as duas últimas são as menos prováveis. É difícil imaginar que Zípora dissesse a seu próprio filho: “esposo de sangue”¹. E qual seria o sentido de tocar com o prepúcio os “pés” do menino? Da mesma forma, seria incomum Zípora chamar Javé de “esposo de sangue”². Além disso, não seria um tanto impróprio falar do sexo de Javé?

O mais provável é que os pronomes masculinos do v. 25 se refiram todos a Moisés. Neste caso todos os pronomes masculinos do trecho Êx 4.24-26 se refeririam à mesma pessoa, Moisés³. O texto diz, portanto, que Moisés é atacado por Javé durante a noite, quando estava a caminho no deserto. Zípora circuncida o seu filho, toca com o prepúcio os pés ou provavelmente o órgão sexual de Moisés, para o qual diz: “esposo de sangue”. Em consequência disto Javé desiste de matar Moisés.

A estrutura do texto parece bastante clara. Há uma dupla moldura em torno de um cerne.

V. 24a + v. 26b: moldura externa

V. 24b + v. 26a: moldura interna

V. 25: cerne

O v. 24a tem a função de integrar a cena no contexto narrativo: o acontecimento se dá durante a viagem de Moisés e de sua família de Midiã de volta ao Egito, em algum lugar no deserto (Êx 4.19-21,27).

O v. 24b e o v. 26a se correspondem: 24b coloca o problema (Javé quer matar Moisés) e 26a apresenta a solução do conflito (Javé deixa de matar Moisés). Nestes dois meios versículos Javé é o sujeito e Moisés, o objeto

da ação. No v. 25 (cerne), ao contrário, Zípora é sujeito tanto do gesto quanto da fala. A declaração “esposo de sangue” aparentemente tem a função de interpretar o gesto da circuncisão e do toque.

O v. 26b, que juntamente com o v. 24a forma a moldura externa do texto, tem todas as características de uma observação explicativa de um redator: “Naquela época ela disse ‘esposo de sangue’ a respeito da circuncisão.” A frase pretende explicar algo que nos dias do redator já não era suficientemente claro, ou seja, a expressão “esposo de sangue”. Esta é vinculada de maneira bem imprecisa com a circuncisão. Esta primeira “atualização” do texto focaliza unicamente a circuncisão sem, no entanto, elucidar o enigmático trecho.

Esta primeira exegese teve muitos seguidores, pois dava uma boa razão para entender o fato de Javé tentar matar Moisés. Versões aramaicas (targuns) entendem que Moisés foi atacado por não ter circuncidado seu filho⁴. Somente a vocação não é suficiente. Somente o preparo de Moisés não é suficiente. Também a família de Moisés deve estar preparada. É uma interpretação que acentua a exigência da circuncisão — benquista, portanto, no judaísmo tardio.

Êx 4.24-26 preserva, no entanto, uma tradição bastante antiga. Utiliza-se uma faca de pedra para fazer a operação (cf. Js 5.2s.). Usa-se a expressão “cortar o prepúcio” em vez do termo corrente “circuncidar”. Também a expressão “esposo de sangue” é única e, portanto, antiga — tão antiga que o v. 26b já se viu obrigado a explicá-la. Além disso, é a mãe que circuncida o filho. É a única vez que, no Antigo Testamento, uma mulher realiza o rito da circuncisão. Por tudo isso, a tradição parece remontar a uma época em que a circuncisão ainda não estava totalmente fixada e regulamentada. Ainda há espaço para a espontaneidade: a necessidade é que determina a época da circuncisão. O texto contém a reminiscência de um ritual semimágico que “obriga” Javé a desistir de matar Moisés. Estamos diante de uma teologia bastante rudimentar e ainda pouco refletida.

Da constatação de que há, no mesmo texto, uma antiga tradição e também uma primeira interpretação da mesma, podemos concluir que:

a) A antiguidade da tradição pode contribuir para o esclarecimento dos primórdios da fé em Javé.

b) A antiga tradição provavelmente existiu antes e independentemente do atual contexto literário, de modo que temos que contar com mais do que um sentido: um original, inerente à tradição (oral), outro dentro do atual contexto literário. Fica em aberto se este último sentido é idêntico ao dado pelo acréscimo explicativo (v. 26b) ou se há um terceiro nível de sentido.

Em Êx 4.24-26 Javé é tão estranho, tão medonho, muito parecido com o Deus que ataca Jacó no vau do Jaboque (Gn 32.23-33 hebraico). Este fato fez com que uma linha de interpretação afirmasse que o nome “Javé” é secundário no atual texto. Diz-se que a tradição antiga falava de um

demônio do deserto que atacava de noite as pessoas que passavam por seu território. Javé teria substituído este “demônio” num posterior processo de javização, em que todos os acontecimentos eram atribuídos a um só Deus, Javé⁵. Esta tendência interpretativa tem seu início nas antigas versões. As traduções grega (Septuaginta) e aramaica (Targum) mencionam, no v. 24, “o mensageiro, o anjo de Javé” em vez de simplesmente “Javé”, tentando, assim, amenizar a agressividade de Deus.

É verdade que tanto Gn 32.23-33 (versiculação conforme o hebraico) quanto Êx 12 falam de um ataque de Javé contra Jacó, respectivamente contra uma população inteira. Em ambos os casos há pessoas que se salvam por saberem como proceder numa ocasião destas: Jacó consegue “segurar” seu oponente até o romper da aurora, forçando-o a dar-lhe uma bênção (Gn 32,25ss.); no Egito o povo de Israel consegue evitar a morte dos seus primogênitos através do sinal de sangue nas ombreiras e verga das portas (Êx 12.7,12s.,22s.). Analogamente em nosso texto, Zípora teria sabido proteger Moisés realizando o rito da circuncisão. Esta última afirmação é verdadeira, mas isto não significa que Javé seja secundário nesta história. Diferentemente de Êx 4.24-26, os dois textos mencionados acima guardam restos de um estágio anterior à javização: Gn 32.24s. (hebraico) fala de “um homem” que luta com Jacó; Êx 12.23 menciona o “destruidor” que traz a morte aos primogênitos⁶. Êx 4.24-26 não contém nenhum indício de que houvesse este estágio anterior. Não há, pois, motivo para duvidar que o próprio Javé seja o sujeito do ataque na tradição mais antiga de Êx 4.24-26. Se isto estiver correto, temos aí uma das tradições mais antigas da fé em Javé. Esta tradição revela um Deus estranhamente medonho. Tão diferente da nossa concepção usual, aparece aqui um Deus que chega a ameaçar a vida de uma pessoa. Não posso agora aprofundar este aspecto teológico, que também se encontra em outras partes do Antigo Testamento. Esta afirmação seria expressão da consciência de que em todas as dúvidas, perigos, ameaças, desesperos a gente se defronta com Deus, mesmo quando aparentemente não há culpa?

2. O Significado da Tradição Original

O significado da tradição mais antiga ainda não conseguiu ser clareado totalmente até aqui. Muita coisa depende de como se relacionam “circuncisão” e “esposo de sangue”. O autor do v. 26b não desvendou este mistério. Na pesquisa, há basicamente três tentativas de estabelecer esta relação⁷.

1) A primeira tentativa entende que é o primogênito de Zípora que está sendo ameaçado de morte e é salvo através do rito da circuncisão⁸. Esta concepção vai contra a tradução sugerida acima, onde mostramos que a pessoa atacada deve ter sido Moisés, pois seria estranho Zípora dizer ao próprio filho: “esposo de sangue”. Os defensores desta interpretação afirmam,

no entanto, que o termo hebraico *hatan*, traduzido por “esposo”, está relacionado com a raiz árabe *hatana*, que significa “circuncidar”, de modo que, em vez de “esposo de sangue”, a expressão deve ser traduzida por “circuncidado de sangue”. Mas a língua árabe pode servir de critério para um texto tão antigo? Ademais, qual é o sentido de Zípora tocar “os pés” (ou genitais) de seu filho circuncidado? Por que, afinal, dizer: “circuncidado de sangue”? Teria havido circuncisão sem sangue? Todas estas questões não conseguem ser respondidas com esta hipótese.

2) A outra tentativa é um tanto fantasiosa. Ela concebe Javé como uma divindade que exige de Moisés, no dia de núpcias, o “direito à primeira noite” com a noiva. Javé estaria ameaçando Moisés, o marido, que não quer ceder sua noiva. Zípora circuncida Moisés na mesma noite e toca com o prepúcio cortado o sexo da divindade ameaçadora para simbolizar o relacionamento marital da divindade com Zípora. O ritual e a declaração — “Tu, Deus, és esposo de sangue” — fazem Deus desistir de matar Moisés¹⁰. A tese é bastante ousada e também pouco provável.

A situação de Êx 4.24-26 não é a de uma noite de núpcias. Moisés e Zípora já estão casados há mais tempo e têm um filho. Além disso, Zípora circuncida, conforme o texto, seu filho. Não há nenhum vestígio de que (também) Moisés tenha sido circuncidado. O conto teria o sentido de explicar a origem da circuncisão como ritual necessário para jovens antes do casamento para preservá-los de ataques de demônios. Mas poderia Zípora, há mais tempo casada e mãe de um filho, dizer para a divindade: “esposo de sangue”? Teria Zípora circuncidado seu próprio noivo/marido?

Esta interpretação poderia ter sido motivada pelas antigas versões, que entendem o gesto de Zípora como um prostrar-se diante do “anjo de Javé” (Septuaginta), trazendo o prepúcio do filho aos pés de Deus como sacrifício de expiação da culpa de Moisés (targuns)¹¹.

3) Julius Wellhausen¹² aventou a possibilidade de a história de Êx 4.24-26 tentar explicar a substituição da circuncisão de adultos antes do casamento pela circuncisão de crianças. Tocando o órgão sexual de Moisés com o prepúcio de seu filho, Zípora circuncida simbolicamente o seu marido, podendo dizer “esposo de sangue” para ele. Muitos pesquisadores aderiram a esta tese, já que, das três apresentadas, é a menos complicada. Mas a mulher circuncidaria seu (futuro) marido? Por que era necessário declarar, neste caso, que Moisés era “esposo de sangue”? Não há no Antigo Testamento indício de que tivesse havido uma substituição da circuncisão de adultos pela circuncisão de crianças.

4) Nenhuma das três tentativas de interpretar a antiga tradição consegue, a meu ver, responder satisfatoriamente todas as questões levantadas pela perícope. Talvez isto nem mais seja possível. Gostaria de trazer aqui, no entanto, as pistas que Werner H. Schmidt tem apontado em diversas publicações¹³ e, se possível, aprofundá-las. Contrariamente à tendência geral

da pesquisa, ele não crê que a circuncisão deva receber tanta importância na tentativa de entender a antiga tradição. O peso deve estar no significado da expressão “esposo de sangue” e no elemento que une esta expressão com a circuncisão: o sangue. W. H. Schmidt acentua a força protetora e unificadora do sangue¹⁴. Que o sangue pode ter a função de proteger pessoas pode ser observado, por exemplo, na história de Êx 12, onde o sangue do sacrifício da Páscoa aspergido nas portas das casas protege os moradores do “destruidor”. Que o sangue tem efeito unificador pode ser visto, por exemplo, em Êx 24, onde o sangue aspergido sobre o altar e o povo estabelece uma aliança entre Israel e Javé (representado pelo altar).

Esta última função do sangue pode ser aprofundada. O termo hebraico *hatan* (traduzido por “esposo”) designa o parente por casamento, podendo significar, portanto, “esposo, genro, cunhado ou sogro”¹⁵. Através do casamento com Zípora, Moisés se torna somente esposo, mas ainda não parente consanguíneo, membro do povo de Zípora. O mesmo não vale para o filho, que é midianita nato. (Observe-se que o texto fala estranhamente do filho *dela*!) Esposo de sangue, parente consanguíneo Moisés se torna somente através do ritual que simboliza a “transferência” de sangue do filho da mulher midianita para Moisés, um não-medianita¹⁶. Por que há a necessidade do ritual de transferência? Parece que a divindade que ataca um não-medianita desiste de seu propósito quando este alguém se torna membro deste povo. Isto é mais facilmente compreensível se este Deus, ou seja, Javé, for o Deus dos midianitas. Javé não faz mal a alguém do povo que o venera, mas pode exigir a vida de alguém que não pertence a ele. Se Javé é originalmente o Deus dos midianitas, isto explicaria por que Zípora toma a iniciativa da circuncisão — ela conhece seu Deus, ela o reconhece quando ataca, sabe do que é capaz e principalmente sabe o que deve ser feito nesta situação de ameaça. Este seu saber e a sua atuação decidida salvam Moisés.

3. Javé: o Deus dos Midianitas

A tese de que Javé é Deus de Zípora e dos midianitas tem fundamento? Nenhum texto do Antigo Testamento afirma isto explicitamente. Tal afirmação nem se poderia esperar. Desde muito cedo Javé foi o Deus que libertou Israel da escravidão egípcia e com ele fez aliança. Os midianitas tornaram-se não muito mais tarde — já a partir da época dos “juizes” — inimigos de Israel (Jz 6). A tendência natural era de suprimir qualquer menção explícita de Israel ser, de alguma forma, devedor a Midiã no âmbito religioso. Mas exatamente esta situação de inimizade posterior entre os dois povos nos obriga a dar valor histórico a eventuais indícios que vinculem Javé a Midiã. Estes dificilmente poderiam ser construção ou reflexão teológica posterior. Reflexão teológica posterior tende muito antes a suprimir even-

tuais vestígios midianitas. O Escrito Sacerdotal, por exemplo, não menciona o casamento de Moisés com uma estrangeira.

Vejamos, agora, alguns textos que deixam transparecer que Javé era Deus dos midianitas. Sempre chamou a atenção o fato de Moisés ter sido vocacionado enquanto vivia e trabalhava entre os midianitas. Quando Moisés teve que fugir do Egito, ele encontrou asilo na casa de um sacerdote midianita, que — conforme Êx 3; 18 — se chamava Jetro¹⁷. Aí casou com Zípora, uma das filhas de Jetro, e trabalhou como pastor de ovelhas de seu sogro. Na região de pastoreio dos midianitas Moisés experimentou a revelação de Javé e teve a sua vocação, no monte de Deus (Êx 3.1). Esta tradição — mais antiga que Êx 6 — vincula a vocação de Moisés com o “monte de Deus”, aqui secundariamente chamado Horebe, em outros textos denominado Sinai. Êx 3 também vincula a revelação do nome de “Javé” (3.13s.) com o acontecimento no monte santo. O vínculo de Javé com o Sinai é atestado em muitos outros textos, em especial na expressão arcaica “aquele do Sinai” (Jz 5.5; Sl 68.9). Javé é considerado Deus do monte Sinai, que se desloca do Sinai para ajudar Israel, p. ex., em Jz 5.4 e Dt 33.2. Se é quase certo que Javé estava originalmente ligado ao Sinai, e é muito provável que este monte tenha estado localizado dentro do raio de pastoreio, comércio, migração ou peregrinação dos midianitas, podemos, então, também afirmar que os midianitas conheciam e adoravam Javé?

Êx 18.1-12 aponta nesta direção. Após a saída do Egito, Moisés, Arão e o povo de Israel se encontram com Jetro no deserto, curiosamente junto ao “monte de Deus”. Do ponto de vista literário não havia necessidade de mencionar o monte de Deus já no capítulo 18. O encontro poderia, dentro do contexto narrativo, ter acontecido em qualquer outro lugar no deserto. O texto confirma, portanto, a localização do Sinai na região dos midianitas. Mas o texto diz bem mais. Em 18.10s. Jetro confessa que “Javé é maior que todos os deuses” por ter libertado Israel da opressão egípcia. Isto significa que Javé é (também) Deus de Jetro? O próximo versículo o confirma: o sacerdote Jetro realiza um sacrifício a Deus e convida os representantes do povo de Israel para participarem da comunhão sacrificial. Dificilmente trata-se, no v. 12, de um outro Deus que não Javé. Mas não seria de se esperar que o próprio líder de Israel, Moisés, ou o sacerdote Arão realizasse o sacrifício a Javé? Se o sacerdote midianita faz isto com tanta naturalidade, Javé deve ter sido já antes Deus de Jetro, de Zípora e dos midianitas.

Resumindo, podemos dizer que encontramos indícios para as seguintes hipóteses:

- a) Javé está originalmente vinculado ao monte Sinai (Êx 3; 18; Dt 33.2; Jz 5.4s.; Sl 68.9);
- b) O monte de Deus está situado dentro do âmbito de vida dos midianitas (Êx 3; 4; 18);

c) O sogro de Moisés é sacerdote do Deus Javé (Êx 18).

Podemos arriscar a conclusão de que os midianitas provavelmente conheciam e adoravam Javé antes de ele se tornar o Deus libertador de Israel. Zípora conhecia Javé e sabia, por isso, o que fazer quando Moisés foi atacado (Êx 4). Moisés teria, então, aprendido a conhecer Javé dos midianitas: de seu sogro e de sua esposa Zípora. É claro que é muito difícil saber como os midianitas concebiam o seu Deus. Teria sido um Deus com um raio de atuação restrito, quem sabe ao monte de Deus ou ao próprio povo? De qualquer forma, este Javé tornou-se, para Israel, o Deus que liberta da opressão. Nesta fase inicial da fé de Moisés e de seu povo em Javé, Zípora deve ter tido um papel que dificilmente pode ser superestimado. Ela não somente salva aquele que liderou Israel durante o êxodo, fazendo, assim, com que a história da salvação do povo ganhasse corpo e tomasse o rumo que tomou. Como teria sido diferente a história sem o ato decidido e corajoso de Zípora! A consciência do grande alcance teológico e histórico desta ação de Zípora foi, sem dúvida, um dos motivos para preservar a tradição de Êx 4.24-26. Zípora está também marcantemente no início da fé e da reflexão teológica “javista” de Israel. Assim ela se encontra também nas origens do que veio a ser o Antigo Testamento.

Notas

- 1 Não creio que a expressão hebraica possa ser traduzida por “circuncidado de sangue”. Vide a argumentação abaixo.
- 2 Vide abaixo.
- 3 Inclusive o pronome oblíquo “o” no v. 26. O pronome pessoal “ele”, no v. 26, não é pronome no hebraico, mas pessoa implícita na forma verbal. Naturalmente Javé é o sujeito do verbo.
- 4 Confira a respeito Werner H. SCHMIDT, *Exodus 1,1-6,30*; *Biblischer Kommentar*; *Altes Testament*, vol. II/1, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1988, p. 217; Brevard S. CHILDS, *Exodus*; a *Commentary*, London, S. C. M., 1974, p. 96 (Old Testament Library).
- 5 Cf. Martin NOTH, *Das zweite Buch Mose*; *Exodus*, 7. ed., Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984, p. 35 (Das Alte Testament Deutsch, vol. 5); Georg FOHRER, *Überlieferung und Geschichte des Exodus*, Berlin, Alfred Töpelmann, 1964, p. 49 (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 91).
- 6 Werner H. SCHMIDT, op. cit. (4), p. 225; ID., *Alttestamentlicher Glaube in seiner Geschichte*, 6. ed., Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1987, p. 76.
- 7 Werner H. SCHMIDT, *Biblischer Kommentar*, pp. 220-222.
- 8 Hans KOSMALA, The “Bloody Husband”, *Vetus Testamentum*, vol. 12, Leiden, 1962, pp. 14-28.
- 9 Cf. as reservas de B. S. CHILDS, op. cit., pp. 97s.
- 10 Eduard MEYER, *Die Israeliten und ihre Nachbarstämme*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967, p. 59.
- 11 Cf. Werner H. SCHMIDT, *Biblischer Kommentar*, p. 217; Brevard S. CHILDS, op. cit., p. 96.

- 12 Julius WELLHAUSEN, *Prolegomena zur Geschichte Israels*, 3. ed., Berlin, Georg Reimer, 1886, pp. 354s.
- 13 Além das obras citadas nas notas 4 e 6, ainda Werner H. SCHMIDT, *Exodus, Sinai und Mose*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983, pp. 110ss.
- 14 Por último em *Biblischer Kommentar*, p. 231.
- 15 E. KUTSCH, Artigo *hatan*, *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, Stuttgart, W. Kohlhammer, vol. 3, cols. 288ss.
- 16 Ruth e Erhard BLUM, Zippora und ihr *hatan damim*, in: E. BLUM et alii, eds., *Die hebräische Bibel und ihre zweifache Nachgeschichte* (Festschrift R. Rendtorff), Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1990, p. 49, nota 29, admite esta possibilidade, decide-se, no entanto, pelo contrário: Zípora e seu filho devem fazer parte do povo de Moisés.
- 17 Ele também é denominado Reuel (Êx 2.18), Jéter (4.18) e Hobabe (Jz 4.11).

Nelson Kilpp
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS